# Um sentimento - 22/01/2017

É tão difícil acreditar que somos corpos, mas o deslocamento livre e  
inconteste nos faz menos racionais e o ir e vir surpreende e desarma. Tudo  
está em perpétuo fluxo porque o nosso pouco tempo no mundo nos faz acreditar  
no infinito. Mas não é nesses termos que nos devemos medir; medimo-nos pelas  
aberturas que nos são impostas por nós mesmos. De repente, algo que estava  
aqui já não está e, se o visávamos, agora tal intencionalidade esvaiu-se e  
nada há de surpreendente, apenas nossa estrutura biofísica se afeta de maneira  
diversa. A nossa pele, que é muito sensória, e demais órgãos afetivos  
sobrepõem-se a uma consciência extravagante. Ela, sim, move-se sem se mover,  
mas movendo um corpo que se move passionalmente. Subjaz um estado de constante  
interferência que qualquer inferência, se estatisticamente acurada, não  
previne precauções.  
  
Mas, qual a estranheza? Ninguém nos enganou e nada nos prometeram,  
simplesmente o vento soprou e espalhou o que estava assentado. O vento não é  
um, é múltiplo e dinâmico. Sentimos, em nossa disposição física, sensações  
térmicas distintas que paralelamente se repelem e se associam mais parecendo  
um emaranhado de possibilidades decompostas. Um dedo é muito mais do que um  
todo. Um dedo fala por si, toca por si, reverbera por si. Um corpo com muitos  
dedos que sentem é um corpo precário quando se pensa um corpo articulado. O  
que mais se articula é o pedaço mínimo que, isolado, irrompe em um efeito não  
linear. Tudo isso é muito específico e não científico para que as variáveis  
possam ser controladas.  
  
Foi-se o momento em que o que tinha de ser seria, foi-se o momento em que  
sabíamos para onde iríamos. Não há escolha já que todas as moléculas tem um  
resto de autonomia. O microscópio não amplia porque tudo está lá, na mais  
perfeita desorganização, e cada combinação não passa de um mero acaso. Não  
importam grandes predições, embora sejam belas. Cada movimento deixa um  
resquício inominado de probabilidades que não se decantam e se transformam em  
algo que jamais ele poderia supor. Esse pedaço de verdade constitui a sua mais  
perfeita identidade que se subsumi ao que estaria posto de antemão e que se  
responsabilizaria pela guia da direção que não se estipula.  
  
Há todo o sentido em cada lampejo da mais pura variação e, por isso, um corpo  
não se nega. Uma razão só é válida na medida em que se descarta a carne que  
sangra. É daí que brota a ansiedade que transforma até a besta em exímia  
enxadrista. Não se pode aceitar a menor alegação de que haveria de se supor  
mal traçados planos. Em nenhum momento falou-se qual era, em definitivo, o  
ponto que deveria ser valorizado no caso de serem expostas as incongruências  
que só fazem concluir que cada minúscula partícula é igual entre si e, por  
isso, concorrente na corrida que é vital para algum tipo de encadeamento. Só  
nos resta sentir.